

A Cultura do Sol Nascente nas Terras Capixabas¹

Danielly SCHULTHAIS²

Rafaela LIMA³

Andressa ZOI⁴

Universidade Vila Velha, Espírito Santo, ES

Resumo

O artigo aborda as tradições da comunidade japonesa no Espírito Santo, o início da associação Nikkei e a sua rotina, como festivais, cursos de língua, esporte e eventos que envolvem os associados. Apresenta alguns personagens importantes na imigração japonesa no estado por meio da história oral e também foi utilizada para entender a cultura, entrevistas com diferentes gerações mostrando o ponto de vista de cada um deles sobre as tradições, os estrangeiros e como vêem o país em que vivem. O trabalho também pretende ilustrar alguns dos principais aspectos culturais da comunidade, externados a partir de eventos promovidos pela instituição.

Palavras-chave

Comunidade nipônica; Tradição japonesa; Associação Nikkei.

INTRODUÇÃO

O Japão depois da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) começou a evoluir economicamente e socialmente, na educação e na saúde. Com isso houve o grande crescimento da população em um pequeno espaço e isso ocasionou a imigração⁵.

Um dos países que recebeu a maior parte dos imigrantes japoneses foi o Brasil. Devido ao extenso território e a falta de mão de obra. Os imigrantes ajudaram na revolução industrial brasileira⁶.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de graduação, 3º Período do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo, email: danielly.schulthais@yahoo.com.br

³Estudante de graduação, 3º Período do curso de comunicação social com habilitação em jornalismo, email: rafaeladaima@hotmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso de comunicação social em habilitação em jornalismo, email: a.z.n@uol.com.br

⁵Imigração japonesa ocorreu pelo crescimento da população e a grande quantidade de desemprego. (ALMEIDA, 2007, p. 10)

⁶Evolução industrial brasileira foi um movimento que teve a presença dos imigrantes japoneses, pois estes procuravam um território para trabalharem e criar suas famílias. (ALMEIDA, 2007, p. 10-11)

A imigração japonesa no Espírito Santo⁷ começou devido às siderúrgicas japonesas que se estabeleceram no estado.

O Estado do Espírito Santo teve início ao grande salto na industrialização principalmente relacionado à siderurgia a começar pela implantação da COFAVI em 1967, Hitachi Metalmecânica-1977, ELETROPLANET Filial Vitória em 1977, start-up da NIBRASCO em 1978 e CST cujo start-up em 1983. (SUZUKI, no prelo)

Nesta época teve um grande crescimento da industrialização capixaba e a presença nipônica foi um dos principais motivos para este acontecimento. (SUZUKI, Prelo)

Cada trabalhador trouxe a sua família e com isso o número de membros da comunidade foi aumentando. Eles vinham principalmente de outros estados, como São Paulo e Paraná, pois são estados com o maior fluxo migratório japonês. De 1977 a 1994 foi criado por parte da Companhia Siderúrgica Tubarão (CST), “*Sociedade Civil de Divulgação Cultural e Educacional de Vitória*”⁸, uma organização para amparar os imigrantes e seus dependentes. Em 1981 criaram a “*Sundayclub*”, um clube criado para o entretenimento dos Nisseis e senseis.⁹

Este clube deu origem à Associação Nikkei Vitória, que é o núcleo da comunidade japonesa no estado. Esta é a responsável pelo curso de língua japonesa, pelos esportes, atividades e repassar as tradições nipônicas para os descendentes e pessoas interessadas na cultura oriental. Uns dos pontos principais, são os festivais culinários que apresentam “novas” comidas japonesas para o povo capixaba. (SUZUKI, Prelo)

No início o papel principal da associação era fornecer um estudo adequado, equivalente ao país de origem para as famílias dos imigrantes, mas depois de alguns anos a instituição ganhou outros objetivos sendo o principal, transmitir a cultura nipônica para os capixabas, pois muitos associados nos dias atuais são não-descendentes casados com japoneses ou famílias que possuem algum vínculo com a associação. (SUZUKI, Prelo)

⁷A imigração começou em 1967 devido há implantação das siderúrgicas (Suzuki, No prelo)

⁸ Instituição criada para ampara socialmente os funcionários e suas famílias (Suzuki, No prelo)

⁹Nisseis e Sanseis é o nome dado para cada tipo de geração dos japoneses e descendentes, sendo assim a primeira geração (os japoneses que emigram do Japão para o Brasil) e a segunda geração que são filhos (estes são nascidos fora do Japão). (ALMEIDA, 2007, p. 24)

REFERENCIAL TEÓRICO

1- Associação Nikkei em Vitória

O Espírito Santo passou por um processo intenso de industrialização, principalmente na siderurgia. Foram implantadas no estado às empresas como Cofavi, Eletroplanet e CST, entre os anos de 1967 a 1983. Segundo Minetaka Suzuki (Prelo), “Junto com essas empresas vieram Técnicos, Engenheiros e Administrativos japoneses, e para compor as equipes de coordenação da empresa foram contratados muitos técnicos de cada especialidade com conhecimentos de idioma japonês [...]”

Com a siderúrgica CST vieram se estalar na Grande Vitória o grupo Kawasaki Steel Corporation, e a empresa com obrigação de dar amparos para os seus funcionários criou a “Sociedade Civil de Divulgação Cultural e Educacional de Vitória”. Tendo em vista o aumento da população japonesa e de seus descendentes, foi fundada em 1984 a Associação Nikkei (SUZUKI, no prelo).

De acordo com o estudo mais recente realizado 2012, são cerca de 110 famílias que estão cadastrados na associação, cerca de 345 pessoas, sendo 100 famílias de descendência nipônica, que é natural ou habitante do Japão, e dez não nipônica.

O Brasil é o país que possui o maior número de japoneses e descendentes fora do Japão, são mais de 1,6 milhão de pessoas.¹⁰ O “Bairro da Liberdade” localizado na cidade de São Paulo, abriga a maior colônia japonesa do mundo fora do Japão.

Diferente da comunidade nipônica de São Paulo, no Espírito Santo os japoneses e descendentes vieram de outros estados¹¹ principalmente pelas siderúrgicas.

2- A presença japonesa

A presença do Japão no Brasil teve a sua principal importância no crescimento industrial. Segundo o livro A presença japonesa no Brasil (SAITO, 1989), a imigração japonesa teve três fases. A primeira fase ocorreu entre 1908 a 1941 e esta ficou conhecida pela vinda dos imigrantes agrícolas para suprir a falta de mão de obra nas lavouras de café. Já a segunda ocorreu na época pós guerra, entre 1953 a 1962 e nesta fase o fluxo migratório declinou devido à crescente industrialização no Japão. E a última delas começou na década de 60 e continua até nos dias atuais, havendo o aumento de imigração devido às montagens de empresas japonesas no território brasileiro.

¹⁰Segundo dados divulgados pela Central Intelligence Agency (CIA) em 2016.

¹¹A maioria dos japoneses veio de outros estados como São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro para o Espírito Santo (Suzuki, No prelo)

Essa nova modalidade de imigração alcança seu ponto culminante no quinquênio de 1969 a 1973, período cognominado de ‘milagre brasileiro’, transferiram-se e /ou instalaram-se mais de 300 empresas nesse quinquênio, em variados setores de atividades industriais, comerciais e financeiras, quer aplicação do capital exclusivo, quer mediante a participação na forma de joiní-venture. (SUZUKI, 1980, p.84)

Segundo Saito (1989), as duas primeiras fases, os imigrantes tinham um bom relacionamento, com o chamado “espírito da colônia”, porém não ocorre o mesmo com os da terceira fase empresarial devido ao tempo limitado de permanência e grande ligação com o país de origem. Na época de 1908 a 1962, os nikkeys¹² que vinham para o Brasil estavam à procura de uma nova qualidade de vida para eles e para sustentar o restante da família que permanecia no Japão, pois geralmente vinham um dos filhos mais velho para procurar emprego¹³. Quando estes vinham para o Brasil, muitos fizeram de suas permanências temporárias, fixas e assim criavam suas próprias famílias casando-se com brasileiras.

O fluxo migratório ocorreu em três fases, diferenciando-se pelo contato que os imigrantes tinham com o seu país de origem e seus objetivos no Brasil.

3- Imigração japonesa e identidade nacional

O Japão é conhecido por suas tradições e uma das mais importantes, é o respeito com os mais velhos, sempre auxiliando e permanecendo em sua terra. Com a crise no Japão pós guerra, muitos vieram para o Brasil à procura de qualidade de vida e principalmente para ajudar a família que permanecia no Japão.¹⁴ Muitos nipônicos depois de ficarem vários anos, se estabeleceram e não voltaram para sua terra natal, pois criaram suas próprias famílias no solo brasileiro. “[...] a cultura brasileira inevitavelmente adquirida, passa a fazer parte da vida de tais descendentes que, além de conviver com os hábitos japoneses, também se sentem vinculados ao Brasil.” (ALMEIDA, 2007, p. 7)

Os descendentes entendem a importância da mistura da tradição nipo-brasileira, devido o papel dos japoneses na identidade nacional principalmente na época industrial.

¹² Denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior. (ALMEIDA, 2007, p.11)

¹³ Japão na tradição, o filho homem mais velho tem o dever de cuidar da família, substituindo o papel do pai. Quando ocorreu o fluxo migratório, o filho mais velho ficava no Japão e seus irmãos iam para outros países em busca de conseguir ajudar financeiramente. (ALMEIDA, 2007, p.11)

¹⁴ De acordo com a tradição, cuidar da família é um dos pontos importantes. E isso se aplicava com os japoneses imigrante que vieram para o Brasil para sustentar os familiares que ficavam no Japão. (ALMEIDA, 2007, p.11)

4- História Oral

A base principal para realização desse artigo é a história oral, que consiste em recolher informações baseadas em experiências vividas por diferentes gerações e povos. Segundo Thompson (1998, p.197) “Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.”

Através de observações de historiadores orais, foi possível constatar que fontes mais idosas por terem mais experiências, relatam casos específicos com enorme quantidade de detalhes. De acordo com Thompson (1998, p.204) “[...] e ao narrar sua história usam o ‘eu’ ativo, tendo como certo serem eles mesmos o sujeito de suas ações por meio das formas de falar que utilizam.”

Para colher as informações necessárias, é preciso estruturar uma boa entrevista com perguntas que possibilitam extrair ao máximo todos os conhecimentos do entrevistado, permitindo ao entrevistador se aprofundar no assunto.

Um bom entrevistador deve conter habilidades e qualidades essenciais para alcançar uma entrevista bem-sucedida como, por exemplo, deixar a fonte falar e buscar compreender da melhor maneira possível o que foi passado, sem contestar sempre. Para Thompson (1998, p.254) “Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas.”

As entrevistas são realizadas a fim de conceder a quem está entrevistando, conhecimentos sobre o assunto abordado. Entretanto, algumas fontes buscam testar as habilidades do historiador oral, passando a idéia de inversão de papéis, onde o entrevistado vira entrevistador. Essa atitude dificulta o andamento do diálogo, onde o profissional deve manter a calma e contornar a situação.

As perguntas de uma entrevista podem ser feitas através de questionários fechados, onde as respostas são curtas e diretas, ou de forma livre, onde se podem obter respostas mais amplas e memoráveis das experiências vividas. Segundo Thompson (1998, p.258) “O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou

evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro ‘subjetivo’ de um homem [...]”

Essas técnicas foram utilizadas em todas as entrevistas realizadas para a construção deste artigo, e a partir delas obtiveram-se informações e dados essenciais de como viveram e como foi à imigração das primeiras gerações de descendentes japoneses no estado do Espírito Santo

5- Métodos e Técnicas de Pessoas em Comunicação

A entrevista é uma conversa que tem como objetivo obter informações sobre determinada pessoa ou assunto. Segundo Scheuch (1973, p.171-172) “Ela tornou-se técnica clássica de obtenção de informação nas ciências sociais, com larga adoção em área como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia.” (apud BARROS e DUARTE, 2014, p.62)

A entrevista utilizada para a realização desse artigo é a individual em profundidade, que consiste em recolher respostas a partir de experiências vivenciadas pela fonte. Para obter o sucesso desejado, o questionário, que será dirigido ao entrevistado, deve estar estruturado de forma que permita uma grande exploração e aprofundamento do assunto. De acordo com Barros e Duarte (2014, p.63) as perguntas “possibilitam ainda identificar problemas, micro interações, padrões e detalhes, obter juízo de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada”

Em meio a tanta importância, as entrevistas são classificadas de três formas distintas: aberta, semi-aberta e fechada. A primeira é marcada por fluir livremente, podendo ser aprofundada em qualquer momento do diálogo, não tendo uma sequência de perguntas e nem um parâmetro de respostas. Já a segunda possui um roteiro a ser seguido, porém a lista de questões-chaves pode ser adaptada ao longo da conversa. E a terceira tem a finalidade de comparar as respostas de vários entrevistados, impondo a mesma pergunta a todos, nesse caso não há um debate do assunto entre o entrevistador e o entrevistado. (apud BARROS e DUARTE, 2014)

Utilizando essa técnica de entrevista, o analista possui a liberdade de gerar pareceres e críticas ao assunto. Para Barros e Duarte (2014, p.81) “[...] mais do que uma

técnica de coleta de informações interativa baseada na consulta direta de informantes, a entrevista em profundidade pode ser um rico processo de aprendizagem [...]”

Para garantir a segurança no momento da coleta de informações, são utilizados instrumentos como, as anotações, gravações, telefone e internet.

6- Entrevista com Amanda Yuki¹⁵

Os avós de Amanda Yuki¹⁶ vieram para o Brasil e tiveram seus filhos. Eles cresceram e se conheceram, tendo sempre a cultura japonesa muito presente em suas vidas. Eles se casaram e voltaram para o Japão em 1997, e em 1998 a Yuki¹⁷ nasceu em Hiroshima.

Viveram vários anos no Japão, mas os pais de Yuki¹⁸, sofreram muito preconceito, pois mesmo tendo características orientais eles eram considerados estrangeiros por terem nascido no Brasil, sendo assim, não foram reconhecidos pelos vizinhos e colegas de trabalhos ocasionando dificuldades para continuar vivendo na terra do sol nascente. Outro ponto importante foi que não conseguiram registrar a Yuki¹⁹ e seus irmãos no Japão. Amanda disse que não chegou a sofrer *bulling*, mas que era um fato muito presente na escola em que estudava, principalmente se alguém possuía características não orientais.

Seus pais decidiram voltar, pois sobreviver no Japão ficou mais difícil a cada dia, e pensando em seus filhos vieram para o Brasil. Inicialmente foram morar em São Paulo, lá Amanda e seus irmãos aprenderam português.

“Aprendi português, entrei no ensino médio e comecei um treinamento que ouvia conversas em português. A escrita no Japão, as palavras são soltas, e aqui treinava escrevendo corrido no Kumon.” (YUKI²⁰, 2018)

Ela aprendeu português no Kumon e disse que foi bem difícil e que ainda hoje, depois de cinco anos desde que chegou ao Brasil, tem dificuldades com algumas colocações e na escrita. Várias mudanças ocorreram para que se adapta-se há cultura

¹⁵ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

¹⁶ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

¹⁷ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

¹⁸ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

¹⁹ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

²⁰ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha,ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

brasileira, e um dos fatos mais chocantes para ela foram a presença de mendigos e a desorganização e sujeira nas ruas.

“Eu achei que mendigo era tudo de televisão, aí na primeira vez que eu vi eu falei ‘é TV?’ e a minha mãe falou que aqui tinha isso e fiquei muito chocada. E as ruas também, no Japão é tudo certinho e aqui não, e isso me chocou.” (YUKI²¹, 2018)

Outro choque foi o contato físico que os brasileiros têm diferente dos japoneses, como por exemplo, abraçar as pessoas quando acabam de conhecer. Ela estranhou no início, e seus pais têm dificuldades com isso até hoje, pois é diferente de como foram criados.

“Nossa, eu fiquei parada tipo robô ‘o que ele está fazendo em mim’, mas depois eu percebi que é normal. Para me acostumar foi difícil, agora já me acostumei. No início falava, ‘sem abraço’, ‘não abraça’, mas com o tempo eu acostumei, mas foi difícil no começo.”

Ela permaneceu durante dois anos em São Paulo e depois seus pais decidiram vir para o Espírito Santo, pois já tinham morado aqui.

Yuki²² quando chegou ao solo capixaba, alguns de seus amigos falaram da existência da associação Nikkei, logo ela foi procurar a instituição, pois já dava aulas particulares de japonês. Quando chegou, descobriu que um dos associados conhecia a sua avó, pois na época que seus pais e avós moravam no Brasil, o Sr. Irie tinha uma loja de fotografia em frente ao restaurante de sua avó.

Quando cheguei lá tinha uma pessoa que conhecia a minha avó, pois ela teve o primeiro restaurante japonês do espírito santo e em frente tinha uma loja de fotografia do Irie san, então a minha avó conheceu e conseguiu intimidade, e aí que eu consegui, pois ele falou que a professora voluntária ia embora e iria precisar de uma professora e como estava aumentando os alunos na escola, foi uma chance para mim. (YUKI, 2018. Entrevista)

Yuki²³ leciona na associação Nikkei aulas particulares de japonês e participa dos eventos promovidos pela instituição.

7- Matéria e entrevista do Shiro Irie

²¹ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

²² YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

²³ YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

Shiro Irie²⁴, nascido em Taiwan²⁵ durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943. Quando tinha 14 anos de idade venho com sua família para o Brasil, permanecendo inicialmente no interior de São Paulo para trabalhar em uma lavoura de café. Depois de alguns anos os pais de Irie se mudaram e ele ficou, pois estudava em uma escola e começou a trabalhar como aprendiz em um estúdio fotográfico. Para aprimorar-se na área ele teria que fazer um curso e conseguir equipamentos mais potentes. Ele teve uma oportunidade realizando a cobertura fotográfica da comitiva japonesa que veio para a comemoração dos 400 anos do Rio de Janeiro. Assim conseguiu aprimorar suas técnicas na fotografia no Japão.

Nesta comitiva estava o gran mestre do cerimônia do chá do estilo Owara, 15ª mestra da linhagem Ura Senke, o Sr. IremotoHou Um, que foi designado como representante cultural do Japão. Uma tia do Sr. Irie era representante do estilo Owara da cidade Kita Kyushu e por intermédio da indicação dela, o Sr. Irie fez a cobertura fotográfica da comitiva durante a estada no Brasil. Através do encaminhamento do Sr. Kasuhiko Kudo que fazia parte desta comitiva e professor da cerimônia do chá, o Sr. Irie conseguiu uma oportunidade de aprofundar nas técnicas fotográficas no Japão. (MATSUDA, 2013, p.2)

Irie fez um curso de cinco anos em um estúdio fotográfico em Gokida, quando retornou para o Brasil montou um estúdio em São Paulo, mas depois escolheu mudar-se para o Espírito Santo, e veio com alguns equipamentos fotográficos e quando chegou no solo capixaba montou a sua loja de fotografia “Foto Japan” situada na Mata da Praia, em Vitória, em 1974. No início o estúdio não tinha clientes e outro acontecimento que foi difícil para o Sr. Irie e sua esposa, Cecília Tsuyako, foi quando eles ficaram sem um local para morar, logo, se mudaram para o topo do morro de vitória morando com pessoas de baixa renda, mas com a vinda de outros japoneses para o estado tornaram-se conhecidos e a clientela passou a aumentar.

Irie participou da organização da associação Nikkei²⁶ inicial e continua até nos dias de hoje. Após trinta anos os filhos dos associados partiram para outros estados ou para o Japão, mas a instituição continua ensinando a cultura para os descendentes presentes e para a comunidade capixaba.

²⁴ SHIRO, Irie. **Explicação sobre seu nascimento em Taiwan**. Vitória. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima, Vitória, 6 de junho de 2018.

²⁵ “Na época Taiwan pertenceu ao Japão mais de 50 anos, Mesmo nascendo em Taiwan meu registro é tudo no cartório de Japão” (SHIRO, 2018. Entrevista)

²⁶ Os adultos acharam necessário ensinar a língua japonesa para as crianças, assim tornou-se essencial a criação da associação. (MATSUDA, 2013, p.2)

8- Entrevista com Hachiro Ouchi²⁷

Hachiro²⁸ veio para o Brasil com dezenove anos em 1960, trabalhando inicialmente com sua família, dona de uma mercearia em São Paulo. Ele diz que nos cinco primeiros anos foi difícil a adaptação devido o tratamento dos brasileiros e a dificuldade com a língua. Depois se acostumou, pois, começou a conhecer outros japoneses e entrou em um cursinho aonde aprendeu português, já que também queria prestar vestibular. No Japão ele estudava para medicina, mas quando tentou aqui no Brasil sentiu dificuldade pela língua, por isso escolheu economia, que era mais fácil e tinha facilidade com números.

“Fui escolher uma área que tem menos complicação. Matemática e inglês pois eram matérias que eram comum no Japão. Terminei curso de economia e fiz pós- graduação em economia também.” (OUCHI²⁹, 2018. Entrevista)

Depois que terminou os estudos recebeu uma proposta de um amigo para ir para o Espírito Santo para trabalhar na Vale do Rio Doce. Ele trabalhou no estado de 1974 a 1989, quinze anos, após este período foi transferido para um escritório da Vale em Tóquio, aonde ficou por cinco anos. Quando retornou para o Brasil foi para o Rio de Janeiro, e depois de cinco anos a filial que trabalhava fechou, sabendo desta situação, um amigo de Hachiro³⁰ o chamou para retornar ao solo capixaba, ficando até 2001 no Espírito Santo. Foi para Belo Horizonte permanecendo no local até 2006, logo após se aposentou.

“O chefe me chamou e disse que já estava na hora de me aposentar, tinha mais de 35 anos de trabalho muito mais, e depois voltei para cá em 2007 por aí e voltei para a atividade da associação no cargo de presidente.” (OUCHI, ³¹2018. Entrevista)

Retornou para Vitória e recebeu o cargo de presidente na associação Nikkei, ficando durante cinco anos e depois passou o cargo para Nakamura. Após pegou a

²⁷ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

²⁸ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

²⁹ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

³⁰ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

³¹ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

função de diretor da Escola de Língua Japonesa (EMOJAVI - abreviação da sigla japonesa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os imigrantes japoneses começaram a migração no Espírito Santo tardiamente, começando por volta de 1960 devido às siderúrgicas japonesas que se instalaram no estado. E com a vinda das famílias com os funcionários das empresas houve a necessidade de uma instituição que ensinasse a língua japonesa com a mesma qualidade do Japão, assim criou-se a associação Nikkei que passou por diversas transformações.

Quando os japoneses chegam ao Brasil, enfrentam algumas dificuldades para se adaptar devido à diferença de culturas. Amanda Yuki³², nos primeiros contatos com os brasileiros na época do ensino médio relatou que sentiu desconforto quando as pessoas lhe abraçavam e seus pais até nos dias de hoje não conseguem se acostumar com algumas atitudes.

Já o Sr. Hachiro³³ sentiu dificuldades de aceitação devido ao jeito que os clientes os tratavam, principalmente a forma de se comunicar. Isso é muito frequente entre os imigrantes, ou estranham o local pelo modo e costumes da sociedade ou pela língua. No caso do Brasil o português é uma das línguas mais difíceis por suas variantes, e também se diferencia da língua japonesa. O Sr. Irie³⁴ teve dificuldades, pois trouxe técnicas de sua profissão, a fotografia, na qual o povo capixaba não sabia a necessidade de tal serviço, mas teve progresso com a chegada de outros imigrantes japoneses.

A associação Nikkei possui o papel de unir as duas culturas, promovendo alguns eventos e festivais tradicionais do Japão, como a excursão para ver as cerejeiras (hanami) em Domingo Martins que acontece em julho, e o festival culinário, um evento que ocorre duas vezes por ano e oferece vários tipos de comidas típicas. Estas são formas de transmitir para os associados que preservam suas conexões japonesas e também traz para as pessoas que se interessam por esta cultura, um maior contato com as tradições nipônicas.

³² YUKI, Amanda Kato. **Depoimento:** 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).

³³ OUCHI, Hachiro. **Depoimento:** 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

³⁴ SHIRO, Irie. Explicação sobre seu nascimento em Taiwan. Vitória. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima, Vitória, 6 de junho de 2018

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Sandra. **Imigração japonesa e identidade nacional**. Brasília: Monografia do Centro Universidade de Brasília, 2007.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2014.

OUCHI, Hachiro. **Depoimento**: 5 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vitória, ES, 2018. 1 arquivo.mp3 (42 min. 36 seg.).

SAITO, Hiroshi (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

SHIRO, Irie. **Explicação sobre seu nascimento em Taiwan**. Vitória. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima, Vitória, 6 de junho de 2018.

SHIRO, Irie. Salto a uma terra nova somente com uma câmera. **Jornal São Paulo Shimbun**, São Paulo, 26 de maio de 2013. Entrevista concedida a Massao Matsuda.

SUZUKI, Minekata. **História da comunidade japonesa de vitória**. Vitória: No prelo, s.d.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1998.

YUKI, Amanda Kato. **Depoimento**: 8 mai. 2018. Entrevista concedida a Rafaela Daima Lima. Vila Velha, ES, 2018. 2 arquivo.mp3 (08 min. 19 seg.).